

# CONFESSANDO A FÉ EVANGÉLICA NA PÓS-MODERNIDADE

Franklin Ferreira \*

Dietrich Bonhoeffer (1906-1945): “Temos de lutar pela verdadeira igreja, ou seja, contra a falsa igreja do anticristo (...) Nós lutamos pelo cristianismo, não apenas no que diz respeito à igreja na Alemanha, mas no mundo todo. Pois, em todas as partes da terra, serão encontrados os poderes pagãos e anticristãos, que se apresentem abertamente em nossa área de atuação”.

## Introdução: um breve resumo da história do pensamento ocidental

### Teísmo cristão

1. Deus é infinito e pessoal, Pai, Filho e Espírito Santo, transcendente e imanente, soberano e bom.
2. Deus criou o cosmo *ex nihilo* para operar com a uniformidade de causa e efeito num sistema aberto
3. Os seres humanos são criados à imagem de Deus e assim possuem personalidade, auto-transcendência, inteligência, moralidade, senso gregário e criatividade.
4. Os seres humanos podem conhecer tanto o mundo à sua volta quanto o próprio Deus, porque Deus os proveu com essa capacidade e assumiu um papel ativo na comunicação com eles.
5. Os seres humanos foram criados bons, mas pela Queda, a imagem de Deus foi desfigurada, embora não completamente arruinada a ponto de não ser possível de restauração; pela obra de Cristo, Deus redime pecadores e começa o processo de restauração destes para a bondade.
6. Para cada pessoa, a morte é ou o portão para a vida com Deus e seu povo ou o portão para a separação eterna do único que completaria, em última instância, as aspirações humanas.
7. A ética é transcendente e está baseada no caráter de Deus como bom e santo.
8. A história é linear, uma seqüência significativa de eventos que convergem para o cumprimento dos propósitos de Deus para a humanidade.

### Deísmo

1. Um Deus transcendente, como Primeira Causa, criou o universo, mas depois o deixou funcionar por sua própria conta. Deus é assim não imanente, não completamente pessoal, não soberano sobre os negócios humanos, não providencial.
2. O cosmo que Deus criou é determinado porque ele é criado como uma uniformidade de causa e efeito num sistema fechado; nenhum milagre é possível.
3. Os seres humanos, embora pessoais, fazem parte da mecânica do universo.
4. O cosmo, este mundo, é entendido como estando em seu estado normal; ele não é caído ou anormal. Podemos conhecer o universo e podemos determinar como Deus é através do estudo do universo.
5. A ética é limitada à revelação geral; porque o universo é normal, isso revela o que é certo.
6. A história é linear, pois o curso do cosmo foi determinado na criação.

### Naturalismo

1. A matéria existe eternamente e é tudo o que existe. Deus não existe.
2. O cosmo existe como uma uniformidade de causa e efeito num sistema fechado.
3. Os seres humanos são “máquinas” complexas; a personalidade é uma inter-relação de propriedades químicas e físicas que ainda não entendemos completamente.
4. A morte é a extinção da personalidade e da individualidade.
5. A história é uma corrente linear de eventos vinculada por causa e efeito, mas sem proposta abrangente.
6. A ética está relacionada apenas aos seres humanos.

\* Esboço da palestra proferida na capela do Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil em 17 de fevereiro de 2005. O autor, Doutorando em Teologia, é pastor da *Primeira Igreja Batista do Cosme Velho*, Rio de Janeiro, e professor de História da Igreja e Teologia Sistemática no *Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil*.

**Existencialismo**

1. O cosmo é constituído somente de matéria, mas para os seres humanos a realidade se apresenta em duas formas - subjetiva e objetiva.
2. Para os seres humanos, somente a existência precede a essência; as pessoas fazem de si mesmas o que elas são.
3. Cada homem é totalmente livre com respeito à sua natureza e destino.
4. Extremamente implacável e hermético, o mundo objetivo organizado permanece contra os seres humanos e parece absurdo.
5. No reconhecimento pleno do e contra o absurdo do mundo objetivo, a pessoa autêntica deve revoltar-se e criar valores.

Outras opções: niilismo, existencialismo cristão, panteísmo oriental e nova era.

“A igreja sempre teve que confrontar sua cultura e existir em tensão com o mundo. Ignorar a cultura é arriscar-se à irrelevância; aceitar a cultura sem críticas é arriscar-se ao sincretismo e infidelidade. Cada era tem tido seus teólogos liberais que buscaram aceitação tentando reinterpretar o cristianismo conforme o mais recente modismo intelectual e cultural. Os liberais do iluminismo tiveram sua religião racional e a alta crítica da Bíblia; os liberais românticos tiveram suas emoções comoventes; os liberais existencialistas tiveram suas crises de significação e saltos da fé; existe agora um liberalismo pós-moderno. Mas os cristãos ortodoxos também viveram em cada era, confessando sua fé em Jesus Cristo. Foram parte de sua cultura (pode-se reconhecer o estilo distinto dos crentes dos séculos dezessete, dezoito e dezenove, ainda quando dizem as mesmas coisas). Contudo também se opuseram à sua cultura, proclamando a lei e o evangelho de Deus à sociedade, dirigindo-se às inadequações e necessidades dela.” (Gene Veith)

**1. O que é pós-modernidade?**

“O termo ‘pós-moderno’ se refere antes de tudo ao tempo e não a uma ideologia distinta. Se a era ‘moderna’ já passou realmente, os crentes têm tudo para se alegrar. A partir das batalhas entre os ‘modernistas’ e os ‘fundamentalistas’ e mesmo antes, o cristianismo bíblico foi atacado veementemente pelas forças do modernismo, com seu racionalismo científico, humanismo, e preconceito contra o passado. Hoje, as idéias aceitas pelo modernismo, incluindo aquelas que atormentaram a igreja deste século, estão sendo abandonadas. Os crentes podem se alegrar na aurora de uma era pós-moderna. O modernismo, entretanto, está sendo substituído pela nova ideologia secular do pós-modernismo. O novo conjunto de suposições básicas sobre a realidade – mentalidade que se extrapola ao mero relativismo – está ganhando terreno através de toda a cultura. A pessoa comum que acredita não existirem absolutos pode nunca ter ouvido falar do exercício acadêmico da ‘desconstrução’. O universo intelectual poderá desprezar o mundo eletrônico da televisão. Os políticos contemporâneos podem estar despercebidos da arte *avant garde*. Não obstante, tudo isso está interligado e forma uma visão de mundo distintamente pós-modernista. Enquanto perdem força os ataques modernistas contra o cristianismo, os pós-modernistas o atacam em bases diferentes. Por exemplo, os modernistas argumentariam de várias formas pela inverdade do cristianismo. Quase não se ouve mais essa objeção. Hoje a crítica mais ouvida é que ‘os cristãos pensam que eles têm a única verdade’. As reivindicações do cristianismo não são negadas; são rejeitadas justamente *porque* propõem ser verdadeiras. Aqueles que acreditam que ‘não

existem absolutos' repudiam os que rejeitam o relativismo chamando-os de 'intolerantes', por tentarem forçar suas crenças em outras pessoas. Os pós-modernistas rejeitam o cristianismo na mesma base em que rejeitam o modernismo, com seu racionalismo científico. Tanto os cristãos como os modernistas acreditam na verdade. Os pós-modernistas não." (Gene Veith)

1. A primeira questão que o pós-modernismo levanta não é o que existe ou como nós sabemos o que existe, mas como a linguagem funciona para construir o próprio significado. "Para seu conjunto de teorias, mais o método analítico que elas tornam possível, pode-se dar o nome de 'desconstrução'. Enquanto os movimentos do passado eram elaborados nos campos da metafísica ou ciência, como disciplina intelectual coerente (...) o pós-modernismo desenvolveu-se a partir da crítica literária. E a mesma análise que visa mostrar que as obras da literatura não podem ter sentido objetivo pode ser aplicada a tudo mais, incluindo a ciência, a razão e a teologia. As teorias pós-modernistas começam com o pressuposto de que a linguagem é incapaz de apresentar verdades sobre o mundo de maneira objetiva. A linguagem, por sua própria natureza, dá forma àquilo que pensamos. Visto ser a linguagem uma criação cultural, o sentido (...) é em última análise uma construção social" (Gene Veith).

2. A verdade sobre a própria realidade está para sempre oculta de nós. A única espécie de verdade que existe é pragmática. Não existe conhecimento objetivo. Tudo o que podemos fazer é contar histórias.

3. Todas as narrativas mascaram um jogo pelo poder. Qualquer narrativa usada como meta-narrativa é opressiva. "Para os desconstrutivistas, *todas* as reivindicações da verdade são suspeitas e são tratadas como disfarce para jogos de poder. (...) As universidades atuais, embora ostensivamente dedicadas ao cultivo da verdade, agora argumentam que a verdade inexistente. Isso não significa que as universidades estão fechando as portas. Ao contrário, as universidades estão redefinindo no que consiste uma educação de nível superior. (...) Esses novos modelos tendem a ser adotados sem a demanda de provas rigorosas exigidas pelos estudos tradicionais. (...) A verdade não é a questão. A questão é o poder. Os novos modelos 'capacitam', dão poder a grupos antes excluídos. O debate erudito procede, não tanto através de argumento racional ou a coleta de provas objetivas, mas pela retórica (qual o esquema que promoverá os ideais mais progressivos?) e pela afirmação do poder (qual o esquema que promoverá o grupo de meu interesse particular, ou, o que vem mais ao caso, qual plano tem maior probabilidade de me ganhar uma bolsa de pesquisa, um avanço na carreira, e uma colocação com estabilidade?). (...) Onde a educação clássica buscava o verdadeiro, o belo e o bom, o pós-modernismo acadêmico busca 'o que funciona'. O mundo acadêmico tradicional operava pela razão, estudo e pesquisa; o pós-modernista é governado por agendas ideológicas, correção política e lutas pelo poder." (Gene Veith)

4. Os seres humanos fizeram a si mesmos o que são através das linguagens que construíram sobre si mesmos.

5. A ética, como conhecimento, é uma construção lingüística. O bem social é qualquer coisa que a sociedade assume ser. "Os pós-modernistas, mais do que a maioria das pessoas, reclamam de como são injustas as estruturas do poder, e estão sempre exigindo sensibilidade, tolerância e justiça. Será que não percebem que estão apelando para os absolutos morais autoritaristas e transcendentais? Será que estão agindo com coerência, falando de acordo com o que dizem, mantendo honestamente as implicações de sua própria teoria, ou é uma máscara que esconde uma agenda diferente?" (Gene Veith)

6. A vanguarda da cultura é a teoria literária. Na Idade Média, a teologia era a rainha das ciências. No Iluminismo, a filosofia e, especialmente, a ciência tornaram-se a vanguarda da mudança cultural intelectual. Na era pós-moderna, a teoria literária assume este papel.

7. Tribalismo. A sociedade está esfacelada em centenas de subculturas e tipos diferentes de crenças religiosas, sendo que cada uma possui sua própria linguagem, código de conduta e estilo de vida.

Infelizmente não temos tempo para explorar e exemplificar a presença da pós-modernidade nos diversos segmentos da cultura contemporânea: arte, música, arquitetura, TV, cinema, literatura e política.

### **1.1. O QUE PODEMOS APROVEITAR DA PÓS-MODERNIDADE?**

1. Crítica à razão humana e ao método científico: “Os cristãos confessionais podem até tomar parte na demolição pós-moderna do modernismo, que ainda tem forte cidadela no estabelecimento teológico. Há a necessidade urgente, por exemplo, de desafiar a abordagem histórico-crítica das Escrituras, que vem corrompendo a autoridade da Bíblia em todas as denominações principais. A crítica pós-moderna poderá mostrar como essa erudição bíblica, supostamente científica e objetivamente histórica, com sua rejeição do sobrenatural e especulações naturalistas sobre o texto da Bíblia, positivamente não é nem objetiva nem científica. As ferramentas da erudição pós-moderna poderiam expor a maneira em que o método histórico-crítico, com toda sua pretensão à objetividade, meramente disfarça a visão de mundo modernista, e que é pura especulação passar além da linguagem do texto bíblico. Alguns estudiosos já iniciaram esse processo, mas há muito a fazer antes que seja plenamente desmontada a erudição bíblica liberal. Os cristãos confessionais também poderão se apropriar das percepções da erudição pós-moderna levando a sério o pecado e dando ênfase às implicações epistemológicas da queda original. A razão humana é mesmo inadequada, como afirmam os pós-modernistas; mas os crentes baseiam suas crenças não na razão, e sim na revelação. Somos inteiramente dependentes da linguagem, como os pós-modernistas dizem; mas os cristãos baseiam sua fé na linguagem de Deus, isto é, na Bíblia como Palavra de Deus. Os pós-modernistas dizem que o sentido é algo que só se pode determinar dentro da ‘comunidade interpretativa’. Para os crentes, a igreja é sua comunidade interpretativa.” (Gene Veith)

2. Reconhecimento de que a linguagem está intimamente ligada a poder: “Embora os cristãos possam fazer uso da erudição pós-moderna, de certo ponto em diante terão de desafiar essa erudição. Os crentes, embora questionem depender-se unicamente da razão, acreditam em verdades absolutas [reveladas por Deus nas Escrituras]. Visto que Deus se revela em linguagem, a linguagem não é intrinsecamente enganadora; pelo contrário, a linguagem é reveladora e pode expressar verdade. Deus – e não a cultura – é a origem do significado, da verdade, dos valores. Como autor da existência, Deus é autoritativo. Sendo assim, certas verdades absolutas e valores transcendentais são universais no seu escopo e aplicação.” (Gene Veith)

3. A atenção às condições sociais sob as quais compreendemos o mundo pode alertar-nos para nossa perspectiva limitada como seres humanos. “A ingenuidade (...) [epistemológica] da teologia liberal – enquanto ainda dominando a maioria dos seminários principais [das denominações históricas] – parecem curiosamente ultrapassados. Em lugar de estarem atraindo o homem moderno, as igrejas liberais têm caído muito em número de membros. Se os liberais é que tiveram razão, então não há realmente nenhuma necessidade de existir uma igreja. Se a Bíblia é um mito e não precisamos realmente ser salvos, como os liberais pregavam com tanta sinceridade, por que não ficar dormindo nos domingos de manhã? A ironia é que as igrejas [evangélicas] (...) começaram a crescer, atendendo às necessidades espirituais genuínas que as igrejas modernistas repudiavam” (Veith).

## 1.2. QUAIS SÃO AS ÁREAS CRÍTICAS DA PÓS-MODERNIDADE? E COMO RESPONDER AO DESAFIO DA PÓS-MODERNIDADE?

1. A rejeição de todas as metanarrativas é em si mesmo uma metanarrativa. Devemos, como cristãos, confiantemente, oferecer a História da Redenção (*Heilsgeschichte*), como revelada nas Escrituras Sagradas, como a única metanarrativa realmente autoritativa e coerente.
2. A idéia de que não temos acesso à realidade (de que não existem fatos, nenhuma verdade), mas que podemos apenas contar histórias a respeito, é incoerente.
3. A crítica pós-moderna da autonomia e suficiência da razão humana repousa sobre a autonomia e suficiência da razão humana: “[Quando puxamos a máscara risonha da arrogância por trás dos teóricos da pós-modernidade vemos que o] rosto atrás da máscara mostra um semblante perpetuamente mutável: há a angústia de Nietzsche se protegendo contra a mentalidade de rebanho das massas humanas, a alegria extasiante de Nietzsche ansiando ser o Sobre-homem, o olhar malicioso de Foucault buscando a intensificação da experiência sexual, o riso forçado de Derrida quando *desconstrói* todo o discurso incluindo o seu próprio, e o jogo de ironia em torno dos lábios de Rorty, enquanto ele opta por uma solidariedade sem fundamento. Mas nenhum rosto mostra uma confiança na verdade, uma confiança na realidade ou uma esperança para o futuro.” (James Sire)
4. O impacto do pós-modernismo na igreja cristã: Michael Horton explica as mudanças que estão afetando a teologia evangélica através de uma série de contrastes:

[1] Onde o cristianismo clássico frisa a transcendência de Deus e sua imutabilidade, onipotência e onisciência, o novo modelo frisa a imanência de Deus, que é dinâmico, é capaz de alteração, e está em parceria com sua criação. O cristianismo clássico vê toda a raça humana como implicada na Queda de Adão. Sendo assim, somos todos corrompidos e condenados. O pecado é uma condição. Mas o novo modelo nega a queda universal. Não somos culpados pelo pecado de Adão, exceto na medida em que seguimos o mau exemplo moral de Adão. O pecado é um ato.

[2] O cristianismo clássico ensina que nosso problema é nossa condenação, que todos nos achamos debaixo da ira de Deus. O novo modelo ensina que nosso problema é essencialmente a ignorância – não sabemos o quanto Deus nos ama.

[3] O cristianismo clássico nos ensina que não há salvação à parte da fé na obra expiatória de Jesus Cristo. O novo modelo ensina que muitos são salvos à parte da fé em Cristo, que o Espírito Santo pode trazer salvação mesmo a pessoas que não conhecem Cristo, o qual é apresentado menos como nosso sacrifício do que como nosso exemplo.

[4] O cristianismo clássico ensina que nosso estado eterno é a imortalidade ou no céu ou no inferno. O novo modelo ensina que os maus são aniquilados, mas que a não ser isso, o céu estará aberto para todos.

[5] O novo modelo reflete diversos princípios pós-modernistas: pouca atenção a absolutos; falta de confiança em transcendência; preferência por ‘mudança dinâmica’ sobre ‘verdade estática’; o desejo de pluralismo religioso para que pessoas de outras culturas e religiões sejam salvas; atenção restrita à idéia da autoridade de Deus sobre nós; o espírito de tolerância, sentimentos calorosos, e a psicologia *pop*.

“Esta mudança teológica é uma facada que atinge a raiz de qualquer fé que se possa chamar de evangélica – a boa nova que Jesus Cristo morreu sobre a cruz para expiar a culpa de nossos pecados e oferecer-nos o dom gratuito da salvação. O próprio evangelho está em perigo. (...) Por essa ótica, Cristo não expia nossos pecados, visto que nossos pecados nada mais são do que nossos atos individuais. Jesus não é nosso sacrifício; ao contrário, ele é nosso exemplo. Ele mostra como devemos amar uns aos outros. Sua morte na cruz nos faz ter pena dele, e quando reconhecemos o quanto ele sofreu, isso nos faz sentir o amor de Deus. Motiva-nos a mudar nossa vida e amar os outros. O evangelismo, conforme esse modelo, não compreende proclamar o juízo de Deus contra os pecadores e sua oferta graciosa da salvação pela fé em Jesus Cristo. Pelo contrário, o evangelismo simplesmente instrui as pessoas sobre o quanto Deus as ama. Deus realmente não quer castigar ninguém; ele quer que todos se sintam bem sobre si mesmos, que vivam uma vida plena e sejam felizes. Aqueles que se afastam de Deus irão perder toda essa vida abundante, embora o Espírito Santo possa bem trazê-los ao Céu mesmo se nunca tiverem conhecido a Cristo. Embora essa teologia transforme Deus num terapeuta caloroso e indistinto, é essencialmente um ensino de moralismo e desespero, focado em obras humanas. Seu otimismo fácil não dá consolo a almas atormentadas e não inclui nenhuma provisão eficaz para o perdão do pecado.” (Gene Veith)

## 2. O que é a fé evangélica?

Somos conhecidos como evangélicos, mas não sabemos mais quais crenças são fundamentais à fé evangélica. A tradição evangélica teve sua origem com a reforma protestante do século dezesseis. Por um lado, os reformadores aceitaram doutrinas que são comuns ao catolicismo, como a crença no Deus trino e na encarnação do Verbo eterno. Mas, quais são, historicamente, as crenças que distinguem a fé evangélica? Segundo a *Declaração de Cambridge*, preparada pela Aliança de Evangélicos Confessionais, em 1996, cinco afirmações podem resumir a fé evangélica:

1. *Sola Scriptura*: “Reafirmamos a Escritura inerrante como fonte única de revelação divina escrita, única para constranger a consciência. A Bíblia sozinha ensina tudo o que é necessário para nossa salvação do pecado, e é o padrão pelo qual todo comportamento cristão deve ser avaliado. Negamos que qualquer credo, concílio ou indivíduo possa constranger a consciência de um crente, que o Espírito Santo fale independentemente de, ou contrariando, o que está exposto na Bíblia, ou que a experiência pessoal possa ser veículo de revelação”.

2. *Solo Christus*: “Reafirmamos que nossa salvação é realizada unicamente pela obra mediatória do Cristo histórico. Sua vida sem pecado e sua expiação por si só são suficientes para nossa justificação e reconciliação com o Pai. Negamos que o evangelho esteja sendo pregado, se a obra substitutiva de Cristo não estiver sendo declarada e a fé em Cristo e sua obra não estiver sendo invocada”.

3. *Sola Gratia*: “Reafirmamos que, na salvação, somos resgatados da ira de Deus unicamente pela sua graça. A obra sobrenatural do Espírito Santo é que nos leva a Cristo, soltando-nos de nossa servidão ao pecado e erguendo-nos da morte espiritual à vida espiritual. Negamos que a salvação seja, em qualquer sentido, obra humana. Os métodos, técnicas ou estratégias humanas por si só não podem realizar essa transformação. A fé não é produzida pela nossa natureza não-regenerada”.

4. *Sola Fide*: “Reafirmamos que a justificação é somente pela graça, somente por intermédio da fé, somente por causa de Cristo. Na justificação, a retidão de Cristo nos é imputada como o único meio possível de satisfazer a perfeita justiça de Deus. Negamos que a justificação se baseie em qualquer mérito que em nós possa ser achado, ou com base numa infusão da justiça de Cristo em nós; ou que uma instituição que reivindique ser igreja, mas negue ou condene *sola fide*, possa ser reconhecida como igreja legítima”.

5. *Soli Deo Gloria*: “Reafirmamos que, como a salvação é de Deus e realizada por Deus, ela é para a glória de Deus e devemos glorificá-lo sempre. Devemos viver nossa vida inteira perante a face de Deus, sob a autoridade de Deus, e para sua glória somente. Negamos que possamos apropriadamente glorificar a Deus se nosso culto for confundido com entretenimento, se negligenciarmos ou a Lei ou o Evangelho em nossa pregação, ou se permitirmos que (...) a auto-estima e a auto-realização se tornem opções alternativas ao evangelho”.

Estas doutrinas são a base da fé evangélica! Precisamos voltar a pregar e ensinar essas doutrinas, pois é a crença nelas que nos tornam realmente evangélicos!

### 3. Uma tradição confessional

O erudito do Antigo Testamento Gerhard Von Rad (1901-1971) chamou nossa atenção para a importância das confissões de fé na história de Israel. Em textos como Êx 15.1-18, Dt 26.5-9 e Js 24.2-13, os filhos de Israel celebraram o que o Senhor tinha feito para eles. Além de numerosos salmos, que, semelhantemente, re-enfatizam a ação de Deus (por exemplo, Sl 136) como também exortam o crente a “proclamar a bondade do Senhor” (Sl 40.9-10; 89.1-2; 96.1-10; 145.1-7). Aqui devemos aqui lembrar as palavras de Martinho Lutero (1483-1546): “Ali [no Antigo Testamento] encontrarás as fraldas e a manjedoura, na qual Cristo está deitado, para a qual o anjo também orienta os pastores. São fraldas simples e insignificantes, no entanto, caro é o tesouro, Cristo, que nelas está deitado”. Então, segundo Karl Barth (1886-1968), toda interpretação historicizante (que, como fruto do modernismo, se arroga imparcialidade!), que separa o Antigo Testamento do Novo Testamento, reduzindo aquele a uma mera história da religião (*Religionsgeschichte*), vai terminar em marcionismo, gnosticismo, liberalismo e, neste caso, como consequência direta, a cooptação da igreja pelo regime nazista.

As palavras “confessando” (*homologeo*) e “confissão” (*homologia*) é freqüentemente mencionada no Novo Testamento. A confissão de fé é um ato comunitário (2Co 9.13), mas também é requerido de cada discípulo confessar Jesus (Mt 10.32-33; Rm 10.9-10). Isto é algo que deve ser feito corajosamente, contudo pode ter um custo elevado (Jo 9.22; 12.42). Confessar começa com os lábios, mas tem que ser demonstrado ativamente (Tt 1.16). O cristão deve manter firme sua confissão para evitar se afastar da fé em meio ao sofrimento (Hb 3.1, 12-13; 4.14; 10.23).

A expressão latina *credo* (creio), segundo o erudito anglicano J. N. D. Kelly, é “uma fórmula fixa que sumaria os artigos essenciais da religião cristã e que goza de sanção eclesiástica”, havendo indicações claras de que já no Novo Testamento aparecem fragmentos de credos, estabelecidos no contexto da pregação da Igreja, em sua adoração e em sua defesa contra o paganismo. Podemos ver no Novo Testamento credos cristológicos, com uma única cláusula, em 1Co 15.3-4; Rm 1.3; 8.34; Fp 2.5-11; 1Tm 3.16; 2Tm 2.8; 1Pe 3.18ss; 1Jo 4.2, 15;

fórmulas binitárias, em 1Co 8.6 (que pode ser uma versão cristianizada do credo judaico conhecido como *Shema*, baseado em Dt 6.4ss); 1Tm 2.5ss; 6.13; 2Tm 4.1; e fórmulas trinitárias, em 1Co 12.4ss; 2Co 1.21ss; 2Co 13.13; 1Pe 1.2; Mt 28.19 e em 1Jo 5.7ss, passagem esta que não se encontra nos melhores manuscritos do Novo Testamento.

A forma integral do que conhecemos hoje como Credo dos Apóstolos teve sua origem em torno do segundo e sétimo séculos, na Gália. Entretanto, partes dele se acham nos escritos cristãos que datam do segundo século. O texto final é o que segue:

Creio em Deus, o Pai onipotente, Criador do céu e da terra. E em Jesus Cristo, seu único Filho, nosso Senhor, o qual foi concebido do Espírito Santo, nasceu da Virgem Maria, padeceu sob Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado, desceu aos infernos, no terceiro dia ressuscitou dos mortos, subiu aos céus, está sentado à destra de Deus, o Pai onipotente, donde há de vir para julgar os vivos e os mortos. Creio no Espírito Santo, a santa igreja católica [cristã], a comunhão dos santos, a remissão dos pecados, a ressurreição da carne e a vida eterna. Amém.

Os pais da Igreja tinham consciência da futilidade de argumentar com os hereges com base somente nas Escrituras, cujo significado eles podiam torcer – e freqüentemente torciam! Então os pais da Igreja apelavam à regra de fé, que tinha sido preservada intacta na Igreja desde os dias dos apóstolos. Não se tratava de subordinar as Escrituras à tradição, mas oferecer uma declaração sucinta a respeito da qual não poderia haver debate algum. O Credo afirma fortemente o caráter trino de Deus, a encarnação de nosso Senhor Jesus Cristo, sua morte, ressurreição e ascensão, a igreja como criação do Espírito Santo e a ressurreição do corpo e a vida eterna.

Suas principais funções eram ser uma confissão de fé para candidatos ao batismo, esboço de um ensino catequético baseado nas principais doutrinas do Credo, guarda e guia contra as heresias ao dar continuidade e legitimidade aos ensinamentos cristãos em sua expansão e como resumo na fé e confirmação no culto. As igrejas da Reforma do século XVI prestaram testemunho ao Credo dos Apóstolos, ao acrescentarem-no às suas coletâneas doutrinárias e ao usarem-no em seus cultos.

#### 4. Por que confessar a fé hoje?

Desde o começo, o cristianismo confessou sua fé através de credos e confissões de fé formais. Com a Reforma, nos séculos XVI e XVII, várias confissões de fé foram produzidas. As mais importantes foram a Confissão de Augsburgo, os 39 Artigos da Religião, a Confissão Belga, a Confissão de Westminster e a Confissão Batista de 1689. Estes documentos têm valor permanente, pois estimulam uma exposição clara da fé, honestidade e franqueza no debate teológico. Os cristãos – se vão constituir uma alternativa ao relativismo pós-moderno – precisam confessar sua fé em palavra e ação (*credenda et agenda*). Isso significa conhecer e examinar qual é essa fé.

1. Os crentes de cada denominação poderiam começar pelo retorno à sua própria herança doutrinária. Luteranos, reformados e batistas têm confissões formais expondo aquilo que crêem. Anglicanos, católicos e ortodoxos têm tradições teológicas ricas. Ao assim agirmos, poderemos recuperar a vitalidade e testificar o cerne da verdade bíblica que se levantará como testemunho diante da cultura relativista. Igrejas bíblicas com integridade doutrinária terão



testemunho mais forte do que congregações confusas, ansiosas por agradar a todos, que nada de especial representam.

2. O confessionalismo não significa “ortodoxia morta”, insistência em algum tipo de pureza doutrinária às custas de uma fé pessoal e experimental. O alvo deve ser “ortodoxia viva”, uma fé tanto experimental quanto baseada na verdade, com espaço tanto para os sentimentos quanto o intelecto.

3. Enfatizar a doutrina ressaltará as diferenças doutrinárias entre as várias tradições cristãs, mas isso não precisa significar uma luta destrutiva. O confessionalismo, combinado à percepção de quem são os inimigos verdadeiros da igreja, poderia não só ser edificante como também unificador. Essa síntese de unidade e pluralismo quase soa como pós-moderna.

#### 4.1. UM EXEMPLO HISTÓRICO

As igrejas que resistiram ao regime de Adolf Hitler, o primeiro estado pós-modernista, atribuíam a si o nome de igrejas confessionais (*Bekennende Kirche*). Confessavam sua fé contra uma igreja que em teologia se tornou liberal e sincretista e contra um estado totalitário, afirmando sua lealdade à Palavra de Deus e a doutrina cristã, conforme expressa em suas confissões de fé históricas. Em honra delas e em reconhecimento de que muitas das questões que eles enfrentaram são exatamente as mesmas que enfrentamos, poderíamos falar em retornar a um cristianismo confessional. Talvez o mais importante documento confessional escrito desde os séculos dezesseis e dezessete seja a Declaração de Barmen. O Sínodo de Barmen, ocorrido em maio de 1934, tendo representantes das igrejas reformadas e luteranas da Alemanha, promulgou uma confissão de fé preparada por Karl Barth, membro da Igreja Reformada Suíça, e Hans Asmussen (1898- 1968), membro da Igreja Luterana da Suécia. Esta Declaração foi um chamado à resistência contra as tentativas do governo nazista de dominar a Igreja na Alemanha, expulsando os evangélicos da igreja e do ministério e glorificando Adolf Hitler como um novo profeta alemão. Os pastores reunidos em Barmen reconheceram e confessaram a autoridade única de Jesus Cristo sobre a Igreja, rejeitando a autoridade eclesiástica instalada pelo império (*Reich*) de Hitler, para manipular a Igreja. Estes são os artigos principais desta Declaração:

1. (...) Jesus Cristo, tal como nos atestam as Santas Escrituras, é a única Palavra de Deus que devemos escutar, à qual nos devemos confiar e obedecer, na vida e na morte. Rejeitamos a falsa doutrina segundo a qual a Igreja teria, além e ao lado da Palavra única de Deus, outras fontes de testemunho, isto é, outros acontecimentos e outros poderes, outras personalidades e outras verdades que corroborariam a revelação divina.

2. (...) Assim como Jesus Cristo é a certeza divina do perdão de todos os nossos pecados, assim e também com a mesma seriedade, é a reivindicação poderosa de Deus sobre toda a nossa existência. Por seu intermédio experimentamos uma jubilosa libertação dos ímpios grilhões deste mundo, para servirmos livremente e com gratidão às suas criaturas. Rejeitamos a falsa doutrina de que, em nossa existência haveria áreas em que não pertencemos a Jesus Cristo, mas a outros senhores, áreas em que não necessitaríamos da justificação e santificação por meio dele.

3. (...) A Igreja Cristã é a comunidade dos irmãos, na qual Jesus Cristo age atualmente como o Senhor na Palavra e nos Sacramentos através do Espírito Santo. Como Igreja formada por pecadores justificados, ela deve, num mundo pecador, testemunhar com sua fé, sua obediência, sua mensagem e sua organização que só dele ela é propriedade, que ela vive e deseja viver tão somente da sua consolação e das suas instruções na expectativa da sua vinda. Rejeitamos a falsa doutrina de que à Igreja seria permitido substituir a forma da sua mensagem e organização, a seu bel prazer ou de acordo com as respectivas convicções ideológicas e políticas reinantes.

4. (...)

5. (...) A Escritura nos diz que o Estado tem o dever, conforme ordem divina, de zelar pela justiça e pela paz no mundo ainda que não redimido, no qual também vive a Igreja, segundo o padrão de julgamento e capacidade humana com emprego da intimidação e exercício da força. A Igreja reconhece o benefício dessa ordem divina com gratidão e reverência a Deus. Lembra a existência do Reino de Deus, dos mandamentos e da justiça divina, chamando, dessa forma a atenção para a responsabilidade de governantes e governados. Ela confia no poder da Palavra e lhe presta obediência, mediante a qual Deus sustenta todas as coisas. Rejeitamos a falsa doutrina de que o Estado poderia ultrapassar a sua missão específica, tornando-se uma diretriz única e totalitária da existência humana, podendo também cumprir desse modo, a missão confiada à Igreja. Rejeitamos a falsa doutrina de que a Igreja poderia e deveria, ultrapassando a sua missão específica, apropriar-se das características, dos deveres e das dignidades estatais, tornando-se assim, ela mesma, um órgão do Estado.

6. (...) A missão da Igreja, na qual repousa sua liberdade, consiste em transmitir a todo o povo – em nome de Cristo e, portanto, a serviço da sua Palavra e da sua obra pela pregação e pelo sacramento – a mensagem da livre graça de Deus. Rejeitamos a falsa doutrina de que a Igreja, possuída de arrogância humana, poderia colocar a Palavra e a obra do Senhor a serviço de quaisquer desejos, propósitos e planos escolhidos arbitrariamente.

#### **4.2. UM TESTEMUNHO PESSOAL**

No passado, em alguns segmentos da tradição batista, exigia-se que os pastores, ao assumirem um pastorado, oferecessem sua confissão de fé pessoal, à comunidade. Na tradição presbiteriana, é exigida lealdade, aos novos ministros, à Sagrada Escritura e aos Símbolos de Fé. Ofereço a vocês minha confissão de fé pessoal. Ela é o consenso daquilo que a igreja cristã, em vinte séculos de luta contra a cultura, de luta para ser contra-cultural, tem crido. Durante séculos, a igreja tem sido desafiada pela cultura. Algumas vezes, a igreja tem sido dolorosamente cooptada pela cultura. Outras vezes, ela ousadamente tem desafiado a cultura, trazendo o melhor desta para debaixo da fé cristã, corajosamente desmascarando a idolatria, falta de sentido e rebelião presentes nestas culturas. Como ponto de partida para uma renovação evangélica, eu convido vocês, em nome do testemunho cristão, da clareza e da honestidade, a oferecerem com coragem sua confissão de fé.

Creio, juntamente com a Igreja, no único Deus, vivo e verdadeiro, que existe de eternidade a eternidade, como Pai, Filho e Espírito Santo, uma santa comunhão de

amor. Adoro, juntamente com a Igreja, ao único e verdadeiro Deus, em sua glória, santidade, soberania e graça.

Creio, juntamente com a Igreja, que o único Deus se revela, de forma suficiente, mas não exaustiva, nas Sagradas Escrituras, que são sem erro e confiáveis em tudo que afirmam. Confesso, juntamente com a Igreja, que a Sagrada Escritura é a única fonte de autoridade naquilo que devo crer e em como devo viver, e ninguém, sob o pretexto de piedade ou de novas revelações pode me impor nada que não seja provado pela Sagrada Escritura.

Creio, juntamente com a Igreja, que Deus criou todo o universo, que toda criação é boa obra de Suas santas mãos. Confesso, juntamente com a Igreja, que Deus sustenta e dirige com sabedoria e soberania a criação e a história, até Seu triunfo final.

Creio, juntamente com a Igreja, que Deus criou homem e mulher à sua imagem e semelhança, em retidão original. Confesso, juntamente com a Igreja, que na queda de Adão e Eva, todos nós nascemos em pecado, e que este pecado se espalhou por toda a raça humana, nos fazendo herdeiros da morte, escravizando totalmente nossa razão, vontade e corpo.

Creio, juntamente com a Igreja, em Jesus Cristo, verdadeiro Deus, verdadeiro homem, humilhado e exaltado, rei, profeta e sacerdote. Confesso em adoração, juntamente com a Igreja, que Cristo morreu por meus pecados, e Nele tenho meus pecados expiados e propiciados, Nele sou redimido e justificado.

Creio, juntamente com a Igreja, que minha salvação é por pura graça, por pura e livre graça, obra do Espírito Santo, do começo ao fim. Confesso, juntamente com a Igreja, que todas as graças que vem da cruz, regeneração e justificação, fé e arrependimento, união com Cristo e adoção, santidade e perseverança são dádivas da boa mão de Deus.

Creio, juntamente com a Igreja, que Deus me chamou por Sua livre graça para fazer parte da igreja, a comunhão cristã. Confesso, juntamente com a Igreja, que a verdadeira igreja, a comunhão cristã, se encontra onde a pura Palavra de Deus é pregada, onde as ordenanças do batismo e da ceia são corretamente ministradas, e onde se vive o discipulado, a imitação de Cristo.

Creio, juntamente com a Igreja, que Cristo, Rei dos Reis e Senhor dos Senhores, voltará uma vez, visivelmente, em glória triunfante, para conceder o descanso eterno para os santos e a condenação eterna para os ímpios. Confesso em adoração, juntamente com a Igreja, que, por sua pura e livre graça, ressuscitarei no último dia, juntamente com todos os santos, para viver eternamente glorificando ao Deus trino, Pai, Filho e Espírito Santo, com a santa igreja, a comunhão cristã.

Se almejamos um avivamento que reforme os evangélicos no Brasil, que transforme nossa decadente sociedade pós-moderna marcada por relativismo, individualismo e misticismo, precisamos confessar e expor firmemente o evangelho em nosso tempo!

Martin Niemöller (1892-1984), pregando em 1934, em Dahlem, subúrbio de Berlim: “Todos nós – igreja e comunidade – fomos lançados na peneira do Tentador, e ele nos joeira e o vento

sopra, para que seja manifesto se somos trigo ou joio! Verdadeiramente, chegamos ao tempo de sermos separados, e até mesmo quem dentre nós for mais pacífico e apático poderá ver que a calma do cristianismo conciliatório está no fim... Agora estamos na primavera da igreja cristã esperançosa e otimista – é hora de provação, e Deus está dando carta branca a Satanás para que ele possa nos provar, para que se possa ver que tipo de pessoa somos!... Satanás mexe a peneira, e o cristianismo é jogado para lá e para cá; e quem não está pronto para sofrer, e se denomina cristão apenas para com isso ter a esperança de conquistar algo bom para a sua raça e nação, é soprado como o joio pelo vento destes tempos.”

Dietrich Bonhoeffer, pregando em julho de 1933, na Igreja da Trindade, em Berlim: “A igreja não nos será tomada (...) venha você que foi abandonado, você que perdeu a igreja; retornemos às Sagradas Escrituras, busquemos juntos a igreja (...) pois aqueles momentos, quando a compreensão humana se desintegra, podem muito bem ser uma grande oportunidade de edificação (...). Igreja, permaneça igreja (...). Confesse! Confesse! Confesse!”

“Não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma; temei, antes, aquele que pode fazer perecer no inferno tanto a alma como o corpo. Não se vendem dois pardais por um asse? E nenhum deles cairá em terra sem o consentimento de vosso Pai. E, quanto a vós outros, até os cabelos todos da cabeça estão contados. Não temais, pois! Bem mais valeis vós do que muitos pardais. Portanto, todo aquele que me confessar diante dos homens, também eu o confessarei diante de meu Pai que está nos céus; mas aquele que me negar diante dos homens, também eu o negarei diante de meu Pai, que está nos céus”. (Mt 10.28-33)

### **Bibliografia Básica**

Alliance of Confessing Evangelicals. <http://www.alliancenet.org/>

BROWN, Colin. **Filosofia e fé cristã**: Um esboço histórico desde a Idade Média até o presente. São Paulo, Vida Nova, 1989.

BÜRKI, Hans. **Creemos**: as doutrinas básicas da fé evangélica. São Paulo, ABU, 1985.

CAMPOS, Heber Carlos de. “O pluralismo do pós-modernismo” em *Fides Reformata* 2/1 (Janeiro-Junho 1997), pp. 5-28.

CAMPOS, Heber Carlos de. “A relevância dos credos e confissões” em *Fides Reformata* 2/2 (Julho-Dezembro 1997), pp. 97-114.

FERREIRA, Franklin. “Karl Barth: uma introdução à sua carreira e aos principais temas de sua teologia” em *Fides Reformata* 8/1 (2003), pp. 29-62.

GOMES, Davi Charles. “*Fides et scientia*: indo além da discussão de ‘fatos’” em *Fides Reformata* 2/2 (Julho-Dezembro 1997), pp. 129-146.

GOMES, Davi Charles. “A suposta morte da epistemologia e o colapso do fundacionalismo clássico” em *Fides Reformata* 5/2 (Julho-Dezembro 2000), pp. 115-142.

GOUVEIA, Ricardo Quadros. “A morte e a morte da modernidade: quão pós-moderno é o pós-modernismo?” em *Fides Reformata* 2/1 (Julho-Dezembro 1996), pp. 59-70.

GOUVEIA, Ricardo Quadros. “Novos tempos, velhas crenças: crítica do neo-paganismo sob uma ótica cristã” em *Fides Reformata* 3/1 (Janeiro-Junho 1998), pp. 5-16.

GRENZ, Stanley J. **Pós-modernismo**: um guia para entender a filosofia do nosso tempo. São Paulo: Vida Nova, 1997.

HORTON, Michael. **Creio**: redescobrimo o alicerce espiritual. São Paulo, Cultura Cristã, 2000.

LOPES, Augustus Nicodemus. **A Bíblia e seus intérpretes**: uma breve história da interpretação. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

LUTZER, Erwin **A cruz de Hitler**: como a cruz de Cristo foi usada para promover a ideologia nazista. São Paulo: Vida, 2004.

MACHEN, J. Gresham. **Cristianismo e liberalismo**. São Paulo, Os Puritanos, 2001.

SHAW, Mark. **Lições de Mestre**: 10 Insights para a edificação da igreja local. São Paulo: Mundo Cristão, 2004.

SIRE, James W. **O universo ao lado**: a vida examinada – um catálogo elementar de cosmovisões. São Paulo: Hágnos, 2004.

STOTT, John. **A verdade do evangelho**; um apelo à unidade. São Paulo, ABU & Curitiba, Encontro, 2000.

VEITH, Gene E. **Tempos pós-modernos**: uma avaliação do pensamento e da cultura de nossa época. São Paulo: Cultura Cristã, 1999.